



A PALAVRA LATINA

"Pela desmistificação do capitalismo e de sua imprensa conservadora, e em apoio às lutas populares legítimas em todas as suas formas"

Ano II - número 08 - São Paulo # Agosto de 2005 - R\$ 2,00

jornal associado ao

RESUMEN
latinoamericano

O fim da era das alianças

Acabaram-se os tempos de paz-e-amor com as elites e com sua imprensa conservadora: Lula não tem saída, a não ser optar com urgência por um governo

realmente popular ou esperar o fim da queda livre junto ao seu desmoralizado PT da articulação.

Pág. 2, 6 e 7

Bolívia em pé-de-guerra pela nacionalização dos recursos naturais

Mobilização popular indígena derruba presidente neoliberal

Pág. 5



Marcelo Min

nesta edição

Peru
Líder Hugo Blanco denuncia agressão à identidade camponesa

4

© novo amanhecer dos Zapatistas
A Sexta Declaração da Selva Lacandona

3

Ditadura na América Latina
O caso do Uruguai

8

cultura

Victor Jara
Último poema: um canto popular

10

Crônica
"O cigarro faz mal à saúde. O cigarro?"

12

Poucas Palavras

Itamar Assumpção, Mario Benedetti, Frida Kahlo, Octavio Paz...

11



Catalina Lantini

Tiro pela culatra?

Elite fracassada afia garras e golpeia aliado Lulinha Paz-e-Amor

Yuri Martins Fontes*

O lugar vazio de um partido organizado que represente as elites brasileiras, sempre foi ocupado pela grande imprensa conservadora. Os tradicionais “partidos” de direita existentes no país – e em tantos outros “democráticos” países irmãos – nunca passaram de agrupamentos de pilantras de colarinho branco, desde a fundação da república. Sem linha ideológica, nem unidade de ação, estes grupos fisiológicos de compadres são encampadores das seculares tramóias com que sempre se desviou o dinheiro público segundo os interesses particulares de uma restrita oligarquia econômica e política.

No entanto, entre a grande imprensa – representante “intelectualizada” e defensora das tradições e das propriedades – a ideologia é levada bastante a sério. Algo assim como um fascismo maquiado (que envolve inclusive uma xenofobia estética e étnica). São todos muito coesos em torno do pensamento único – o único que se deve cogitar na “maturidade”, segundo dizem. Pregam todos o mesmo, sempre o mesmo aplique. Cai o céu, mas não a verdade, a verdade está pronta, não muda. Pensam o mesmo, o bolso, o agora, o hoje, desde os cordeiros de redação, aos vaidosos editores (pseudo-intelectuais) de *Vejá*, *Estadão*, *Época*, *Folha*, *Isto É* e todas as demais publicações

tendenciosas e superficiais do tipo.

E nem mesmo a concorrência abala o capitalista-intelectual. Ele até abre mão de uma verba para manter o discurso e conservar o atraso secular. De fato, como todo mundo sabe, trabalhar com imprensa não é o empreendimento mais rentável (nós que o digamos!). Mas quando o tema é dificultar quaisquer mudanças, ainda que lentas e mesmo exigidas pela própria dialética material – que se torna insustentável, basta ler estes mesmos jornais e revistas – eles são unidos, coesos, afinados.

Mas só que desta vez foram descuidados quanto à tática. Bastou que Lula – presidente continuista, favorável ao grande capital nacional e imerso numa covardia surpreendente frente ao capital internacional – tivesse um pequeno arroubo de coragem na política externa e promovesse alguns acordos com países periféricos, para que a extrema-direita afiasse as garras. Foi logo depois do “Encontro América do Sul-Países Árabes” que a trama começou.

O pensamento-dashli promovido por esta imprensa coesa e direitista não admite negócios da China. Chineses, argentinos, indianos ou africanos, “melhor não tratar com estes povos subdesenvolvidos e não-arianos”, ainda que isto promova a liberdade para crescer. Esta alta-burguesia nunca foi afetada por nenhuma crise econômica. São poucos, mas figuram entre os mais ricos do mundo (o Brasil é campeão de desigualdade). O que esta elite fracassada deseja mesmo é Paris, é o que vem de Paris, é a liberdade que eles foram incapazes de construir, em seu fracassado plano de construção da nação. Querem o raro e o caro, os jatos dos *Esteites*, as cores da Europa, a moda, os palpites, o mal-humor e se der, compram neve pra cair no verão. Empresário tem que ser gente branca. Querem se sentir nos *Campos Elíseos*, ou quem sabe, e porque não, em meio às bombas de Londres?

Crise e castigo

De início, parecia mais uma batelada

de acusações, como as que permearam o governo FHC – em tantos episódios da legendaria “farra das privatizações” (e todos os outros governos antes dele, já que nunca foi segredo para ninguém que é o tal do “caixa 2” que banca o sistema eleitoral, ou melhor, publicitário, tão obscuro quanto difícil de ser oumprido). Em suma, uma lei feita para ser desrespeitada por quem almeje chegar ao poder “eleitoralmente”.

Sabemos também que para obter governabilidade, a compra de voto é o modo clássico de convencer dialeticamente aos coronéis, ruralistas, empresários sonegadores, peruas, banqueiros e outros “doutores” de anel colorido do nosso circo parlamentar, criminosos (ativos ou passivos) especialistas nos mais diversos ramos da corrupção sistêmica, e tudo segundo a “ética do capitalismo” – aquela que prega que ou você mata, ou morre. É a famosa Lei do Gerson – ou do Jefferson...

Mas desta vez a imprensa suja quis “limpar” demais. Foi longe nas denúncias. Tão longe que afinal, o tiro começa a sair pela culatra. A sujeira, como se imaginava é generalizada. Envolve os tradicionais PP, PTB, PL, PMDB, mas chegou também onde não deveria – sujou também para o PSDB, que costumava ser a alternativa da alta-burguesia *progressista* (que se cre “menos-desonesta”).

Até que, então, chegou afinal o dia da queda – já que até fortalezas como a *Dashli* tem o seu dia. Madames, tremem! Os grandes “intelectuais” e líderes da direita “articulada” do PT – os endireitadores do Lula – estão em queda livre. Dirceu, Genoino e cia., já se vão? Tardel! Uma pena o Lula não ter se preocupado ele mesmo com sua própria formação teórica científica, deixando para estes dois pavões reacionários a tarefa de

“estudar” por ele nosso projeto de país.

É bem possível – para surpresa do pensamento fascista de nossa elite recalçada – que agora o PT tente novos rumos mais progressistas – mesmo porque, se não for assim, as chances da reeleição já estão muito pequenas.

De qualquer forma, na pior das hipóteses, este chacoalhão institucional servirá como catalisador, acelerando a recomposição de uma opção que realmente rompa com o pragmatismo neoliberal – sem o que não se romperá com a corrupção que é a própria base do modo de governo dito “democracia burguesa”.

Ainda que a sensação seja a de derrota, de duas décadas perdidas, havemos de recompor as esperanças um dia. E as esperanças, como os povos, em seus equívocos, orientam seus sonhos para a realidade.

*[da redação]

A PALAVRA LATINA

Conselho Editorial:

Yuri Martins Fontes, Waldo Lao, Ivan Leichsenring, Cassiano Novais e Bia Rangel.

Conselho Político:

Alejandro Buenrostro, Carlos Aznarez, Carlos Latuff, Cesar Cordaro, Emir Sader, Gilberto Maringoni, Hamilton Octávio de Souza, Jorge Grespan, José Arbex, Lincoln Secco, Marcos Del Roio, Paulo Arantes, Vera Vieira e Zanini H.

Imagens: Marcelo Min, Latuff, Maringoni, Waldo Lao e Yuri.

Revisão Final: Ivan e Zanini.

Diagramação e Arte: José Mário

Correspondência e Exemplos:

apalavralatina@yahoo.com

3231-0692

www.acepusp.org.br/apalavralatina

Matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Tiragem padrão:

12.000 exemplares

Periodicidade média: bimestral



México

Alerta Zapatista

Um silêncio anuncia a Sexta Declaração da Selva Lacandona

Waldo Lao*

Um comunicado emitido da Selva Lacandona colocou novamente em cena nacional e internacional a luta do EZLN. O Subcomandante Marcos faz uma crítica rigorosa ao aparato político mexicano, assim como às diretrizes dos partidos políticos nacionais. Os mesmos partidos que se aliaram para negar aos povos indígenas do México o reconhecimento constitucional de seus direitos e sua cultura. Os que rejeitaram a mesma proposta que anos antes haviam aprovado nos Acordos de San Andrés, firmados em 1996. Um comunicado que chega em um momento oportuno, o cenário eleitoral do México.

**“Um novo passo
adiante na luta só é
possível se os índios
se juntarem com os
operários,
camponeses,
estudantes, mestres,
empregados... ou seja
os trabalhadores da
cidade e do campo”**

aparecendo como esquerda ou centro, dependendo do momento mais oportuno que o sistema o permita. O subcomandante faz um chamado, para que o povo se abstenha de votar nas próximas eleições e propõe criar mobilizações como uma forma de organização para a resistência civil.

Na segunda-feira, 19 de junho, um Alerta Vermelho foi decretado pelo EZLN em todo o território rebelde. Em meio à uma clandestina neblina, amanheceram solenes os cinco *Caracoles* (conjuntos que

agrupam os municípios autônomos), assim como seus escritórios das Juntas do Bom Governo (órgãos populares que têm como finalidade encarregar-se da educação, da saúde e da circulação solidária de mercadorias). Tudo em silêncio, com exceção dos serviços sanitários que seguiram funcionando com normalidade. Também suspenderam por tempo indefinido a emissão da

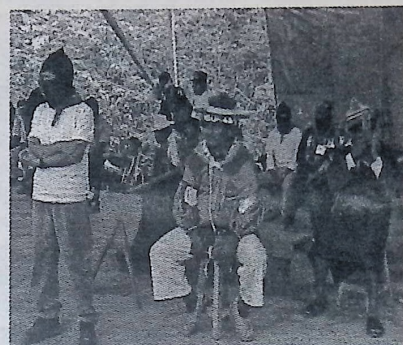
rádio “A voz dos sem voz”, fecharam o Centro de Informação Zapatista (CIZ) e fizeram um chamado, no qual desvinculavam todos os organismos simpatisantes das próximas ações que o EZLN realizar.

O Alerta Vermelho foi uma pausa necessária para realizar uma Consulta Interna às bases de apoio. Um momento oportuno para fazer um balanço de sua trajetória e criar uma nova iniciativa política (ênfatizando que não será uma ação ofensiva-militar) através da qual surjam novas medidas para reorganizar sua estrutura interna, assim como sua relação com a sociedade civil.

Dez dias mais tarde os zapatistas deram a conhecer os resultados da Consulta, no que seria a “Sexta Declaração da Selva Lacandona”.

Propõem a construção de uma Frente política e social, através da qual se reconheçam e se incorporem as classes subalternas do país, a partir da qual a luta não será só pelas reivindicações indígenas, mas também pelas demandas nacionais, em torno de um programa comum conhecido como “geometria variável”. Um mês depois do chamado ao Alerta, uma grande festa faria despertar os *Caracoles*, um novo júbilo, um novo caminho daria normalidade a um processo de encontro. Festejando assim, um novo amanhecer da Selva Lacandona.

Durante os 12 anos de resistência do EZLN, a lógica sempre usada pelos distintos governos, desde Salinas de Gortari, até Vicente Fox, tem sido a massiva intervenção militar (conhecida como guerra de extermínio ou de baixa intensidade), esta tem sido a resposta ao processo



Claudia Lora

de diálogo que propõem os zapatistas. Uma lógica que leva a milhares de indígenas a mudar-se de suas comunidades, ficando à margem do cerco de perseguição por parte dos grupos paramilitares e militares que rodeiam a zona de conflito (hoje existem 111 posições militares). Um comunicado da Secretaria da Defesa Nacional (Sedena) acusava os zapatistas de terem ligações com o narcotráfico, devido aos 44 plantios de maconha destruídos perto das comunidades, rumor que foi desmentido minutos mais tarde pelo governo federal. Isto demonstra um claro e grave erro geográfico e uma excelente estratégia que lhes permitiu o aumento de tropas militares nas comunidades.

Com a Consulta, os zapatistas buscam novas ações políticas, novos caminhos para completar o que falta, criando uma frente aberta e multicultural de opiniões. Um processo que só se completará com a quantidade de peças e caminhos que se juntem à utopia, uma utopia que se constrói dia a dia pelo reconhecimento de seus direitos e cultura indígena, em busca da justiça, liberdade, democracia e dignidade.



Claudia Lora

Zapatista aguarda em uma das comunidades autônomas

*[da Redação]

Agressão neoliberal contra identidade camponesa no Peru

"Querem arrancar nossas raízes porque sabem que dela brota nossa força"

Hugo Blanco*

Em toda a América Latina, o Peru é atualmente o país onde existe a maior quantidade de pequenas propriedades. Nossa luta principal deixou de ser contra o latifúndio, pois ele está derrotado, ainda que haja alguns intentos para seu ressurgimento. Os ataques fundamentais do neoliberalismo ao campesinato peruano são agora precisamente contra nossa identidade cultural e contra nossa herança andina.

No governo ditatorial de Fujimori pretendeu-se dissolver a comunidade indígena, tentando assim converter o camponês comunitário em algo independente e isolado para que assim houvesse condições de torná-lo uma presa fácil da voracidade dos que pretendiam retomar-lhes suas terras.

Outra agressão importante é a desenvolvida por companhias multinacionais contra a Pachamama, a Mãe Natureza, matando as terras férteis destinadas à agricultura. As principais agressoras são as companhias mineradoras, se destacado ainda as extratoras de gás e as empresas que pretendem roubar a água utilizada pelas comunidades indígenas.

Nossa cultura desfrutou durante milênios da soberania alimentar. Hoje os produtos transgênicos dos EUA, desenvolvidos por empresas agroindustriais subsidiadas, seja na produção, seja na exportação, substituem os ricos alimentos andinos, atropelando os agricultores e baixando notavelmente o nível de nutrição de nossos povos.

Finalmente, vem o tema da coca, a folha sagrada de nossa cultura. Consumimos essa folha há milênios e nunca nos causou nenhum mal. Trata-se de um alimento e tem propriedades medicinais. O Império ordena sua erradicação e criminaliza seu cultivo, alegando que em seu país ela é usada como narcótico. Mas na verdade, vemos nisso apenas um pretexto para o ingresso de tropas ianques nos países

andinos.

Há muito que conhecemos o desejo de nossos opressores. Logo após a rebelião de Tupac Amaru, proibiram o uso do idioma quéchua e a vestimenta indígena. Proibiram tudo o que poderia fazer-nos recordar dos tempos pré-invasão. Proibiram o uso de alimentos andinos como a quiwicha, argumentando que estimulava o "paganismo".

Por muito tempo vêm autuando com a intenção de matar nossas raízes, pois sabem que são elas que nos nutrem e dão força. Com Velasco Alvarado, o "Dia do Índio" se converteu no "Dia do Camponês". Está claro que pretendem nos desmobilizar com essa denominação. Outras determinações foram tomadas com o mesmo intuito: querem que abandonemos nossa cultura coletivista e, assim, converter-nos em camponeses "civilizados", não índios. Querem que nos "modernizemos", convertendo-nos em camponeses individualistas, deixando o "gregarismo de formigueiro" como Vargas Llosa e outros ideólogos dos opressores desdenhosamente qualificam nossa cultura coletivista e solidária.

Os inimigos sabem que nossos irmãos indígenas do mundo, erguendo-se, conseguiram fazer com que muitos de nossos direitos fossem reconhecidos pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), como consta no "Convenio 169" dessa entidade, firmada inclusive pelo Peru. Sabem que se nos "modernizam", fazendo com que abandonemos nossa identidade indígena, não mais poderemos exigir os direitos aceitados nesse documento.

Outras Agressões

Outra causa de sofrimento do campesinato é a corrupção das autoridades de todas os tipos: judiciais, políticas, policiais, tributárias, da saúde, da educação, municipais, etc. A corrupção é usada pelos inimigos do campesinato para tomar suas terras,

jogá-los em uma prisão, arrancar dinheiro sob mil pretextos e afundá-lo cada vez mais.

O habitante do campo também sofre com a falta de serviços básicos de saúde, educação, eletricidade, água potável, serviços sanitários, vias de comunicação, etc.

E apesar de tudo, o camponês peruano luta ferozmente pela defesa de suas raízes culturais. Luta na defesa da Pachamama, contra a depredação promovida pelas empresas multinacionais e contra o sistema neoliberal que as protege. Ai estão, no norte, os combates triunfantes de Tambogrande, os quais expulsaram a mineradora Manhattan e as lutas dos camponeses cajamarquinos apoiados pela população do departamento contra a mineradora Yanacocha São lutas que arrancaram queixas do tipo "Cajamarca não que progredir" por parte do regime, da imprensa servil, da polícia que atuou na defesa da companhia imperial contra a natureza e contra o povo peruano. Não puderam opôr-se à ação ecológica de nosso povo.

No sul, há ainda a resistência contra o projeto Bambas, o qual afeta as comunidades indígenas de Apurímac. Luta-se contra a exploração do gás de Camisea, cuja forma de extração configura-se numa punhalada na selva amazônica e contra as comunidades ali estabelecidas. Luta-se contra uma empresa suíça que pretende roubar a água da comunidade de Huancasancos, em Ayacucho. Luta-se também interrompendo o tráfego da principal via terrestre do país. Assim luta o camponês.

Nossa cultura de democracia comunal estremece o departamento altiplânico de Puno, lutando em Ilave, Azángaro e Juliaca contra a ditadura corrupta das minorias.

Nosso sangue americano se levanta



O líder camponês peruano Hugo Blanco

em defesa da folha sagrada da coca contra a imposição do Império, seja na selva norte, seja na zona tropical dos departamentos de Cusco e Puno.

No que diz respeito às organizações de massas, há que mencionar a Confederação Campesina del Perú (CCP), que tem um papel central na campanha contra a ALCA e contra o TLC, duas das ferramentas do domínio colonial neoliberal destinadas a explorar nossos povos.

Por último, a luta na qual estou atualmente envolvido: a recuperação e o fortalecimento da cooperativa campesina Té Huyro, cuja industrialização de sua produção e o desenvolvimento da economia camponesa são realizadas e dirigidas pela coletividade de maneira exemplarmente democrática.

*[dirigente camponês]
(Tradução de Zanini H.)

**CURSINHO
POPULAR
dos Estudantes da USP**

3258-1436 / 3231-0692

www.acepusp.org.br

Bolsas de Estudo mediante avaliação

EN DEFENSA DE LA REVOLUCIÓN BOLIVIANA

POR LA NACIONALIZACIÓN DE TODOS LOS RECURSOS ENERGÉTICOS

Oswaldo Coggiola*



Con la insurrección de masas de mayo-junio, que derribó al gobierno de Carlos Mesa y a la tentativa de golpe parlamentario (que impondría al residente del Senado, el derechista Horlando Vaca Díez), la revolución boliviana ha entrado en una nueva etapa, que plantea las alternativas de revolución o contrarrevolución. La ascensión del presidente de la Corte Suprema, Eduardo Rodríguez Veltzé, no significó una victoria popular, sino que expresa las limitaciones políticas de las masas insurreccionadas para imponer un desenlace revolucionario a la situación, cuyas bases se planteaban a partir de la auto-convocatoria de asambleas populares revolucionarias (como en El Alto) y cabildos abiertos, en distintas ciudades del país. Durante el siglo XX, Bolivia se levantó una y otra vez para recuperar sus recursos naturales y su independencia nacional. La actual situación boliviana reconoce sus antecedentes inmediatos en las extraordinarias insurrecciones de febrero y octubre del 2003, que tumbaron al gobierno pro-imperialista de Gonzalo (Goni) Sánchez de Losada (del partido

"nacionalista" MNR), responsable por la completa entrega de los recursos petroleros y gasíferos del Altiplano al gran capital financiero internacional. En julio del 2004, el precario régimen de Mesa, cuya estabilidad dependió por entero del apoyo o la tregua que le brindaron las direcciones políticas y sindicales de las masas (MAS, Pachakuti, COB, CSTUCB) reunió fuerza suficiente como para aprobar, en plebiscito fraudulento, una nueva ley entreguista de los hidrocarburos, encubierta tras una fraseología nacionalista-fiscalista. La trampa "democrática" tuvo poco aliento. En 2005, frente al agravamiento de la pauperización popular, las masas bolivianas no se limitaron a replantear sus reivindicaciones elementales (salario, tierra, trabajo) sino que retomaron enteramente la "agenda de octubre de 2003", la nacionalización de todos los recursos naturales y la defensa de la unidad del país como base para una existencia nacional independiente. El gran bombero de la situación revolucionaria, el MAS de Evo Morales, quedó superado por los acontecimientos. Junto con el papel del MAS, que pretendía explícitamente garantizar el final del mandato de Mesa en el 2007, saltó por los aires el papel intermediario-bombero de los Lula y los



Mobilizações nas ruas da Bolívia

Kirchner, en defensa de los intereses de la semi-privatizada Petrobrás y de Repsol, o sea, del gran capital petrolero internacional. Con la asunción a la presidencia del titular de la Corte Suprema, el poder político en Bolivia se ha convertido en una nulidad perfecta. El presidente del Senado había acariciado la idea de reemplazar a Mesa y desatar una represión en gran escala, pero la tentativa fue ahogada en la raíz, de un lado por una gran movilización popular, que rodeó la ciudad de Sucre, donde había ido a refugiarse el Congreso, y del otro lado, por la decisión del gobierno de Bush y de sus cómplices de Argentina y Brasil, de dominar el levantamiento popular por medios democratizantes. Influyó en esta orientación la incertidumbre acerca de si el ejército sería capaz de ejercer el gobierno en forma duradera, en el caso de un golpe.

La encrucijada boliviana se reduce a dos cuestiones de fondo. Si el imperialismo se empeña a fondo en la salida democratizante y organiza un entendimiento de Evo Morales con una futura coalición con los partidos del régimen, debería admitir algunas

modificaciones a las condiciones leoninas de los contratos de hidrocarburos que firmó el derrocado Sánchez de Losada. Ninguna tentativa democratizante podrá soslayar que, para las masas bolivianas, los hidrocarburos se han convertido en una cuestión de vida o muerte. Las sucesivas victorias populares contra la privatización del agua y otros recursos han desarrollado una conciencia nacional que ya no podrá ser erradicada sin una contrarrevolución. La otra cuestión de fondo son, precisamente, las masas. La larga crisis ha dejado al desnudo el rol de bisagra de Evo Morales, entre los trabajadores y el imperialismo. La evolución política de la lucha popular depende de los distintos escenarios que se presenten; si el Congreso no es disuelto, por ejemplo, podría crearse una situación revolucionaria en pocos días. Pero si el imperialismo se empeña a fondo en un remede democrático será necesaria una tarea de esclarecimiento político para forjar una vanguardia revolucionaria que pueda ofrecer una alternativa de poder a los políticos del capitalismo.

*[Professor do Depto. de História da USP]



Yuri Martins Fontes

A Esquerda e o Futuro

Lincoln Secco*

O possível fracasso do Governo Lula é uma crise de regime. Ela não pode ser resolvida porque demandaria dos próprios parlamentares um suicídio político. Eles não revelam sequer a grandiosidade burguesa dos parlamentares da Assembléia Francesa na Grande Revolução. Os discursos são pura máscara. Exalam aquela superficialidade profunda (Marx) da classe média. Ora, ao desacreditar ainda mais o congresso e a Constituição, reduzindo a lei a pura ideologia rebaixada para atacar a esquerda, como eles poderão esperar dos de baixo que legitimem o regime político? O Presidente também não pode resolvê-la porque seu discurso anti-élite chegou tarde e contraditando sua própria governação. Os segmentos populares organizados também não podem indicar uma saída porque foram decapitados politicamente com a falência do PT e (é questão de tempo) da CUT. Os militares, ainda que, descontentes com o soldo, não tem apetite político pelo poder. E se o tivessem, não teriam apoio externo permanente para governar. Todavia, a falta de solução

favorece os setores externos de dominação, os que se locupletam na ciranda financeira sustentada pelo Banco Central e sua política de altos juros. O condomínio no poder real abrange, portanto, as classes internas e externas que continuam ganhando qualquer que seja o desdobramento da crise. Nessa situação configura-se o parlamentarismo no horizonte das elites. Ele seria mais estável. Erram os que desejam desvincular o regime político do Modo de Produção. Como ensinava Florestan Fernandes, o parlamentarismo monárquico não ra estável no Brasil oitocentista. Era a escravidão que garantia a estabilidade. E quando ocorreu a transição para a forma assalariada de exploração da força de trabalho, o regime político sucumbiu. Os socialistas podem bater-se pelo parlamentarismo, desde que ele se faça acompanhar de mudanças estruturais que, por ora, estão longe de terem viabilidade histórica. As próprias elites das classes dominantes não terão legitimidade para impor à população um regime assim a não ser como fantoche pairando sobre o cinismo das classes médias e o desinteresse das classes



"Pouco articulados": alto escalão do PT em franca decadência moral

subalternas. Diante dessa crise a esquerda pode pouco. Mas pode alguma coisa! Os comunistas, socialistas, anarquistas, sociais democratas (os autênticos) e as várias organizações radicais da sociedade civil precisam criar uma plataforma comum: o célebre programa mínimo. Recompôr politicamente a classe que se decompõe pela ação do capital. Retomar a discussão de alternativas econômicas e de reformas estruturais. Os parlamentares da CPMI e o próprio Presidente da República testam suas forças no Planalto. O resultado ainda é incerto e o presidente de coração operário e mentalidade ajustada ao sistema ainda oscila e mostra-se indeciso em voltar às bases de fato. Na planície os trabalhadores urbanos e os condenados da terra assistem atônitos. Deles nada se espera, pois integram uma sociedade civil incivilizada. Retiram do fundo de seus corações a força da esperança para continuar a viver "longe dos políticos". Seus setores mais avançados (*enragés* sem densidade histórica) não logram fazê-los passar

do ódio internalizado à ação construtiva. Sem a necessária socialização socialista (Florestan Fernandes), para eles, a história sempre se fecha. E Robespierre tomba uma vez mais diante da reação termidoriana. Destruir esse círculo vicioso torna-se novamente, nos dias que correm, uma quimera. E o socialismo volta às catacumbas. Os de cima comemoram sua vitória refestelando-se em comissões parlamentares, *talk shows*, artigos "indignados" e programas televisivos humorísticos ou de amenidades. Assim, eles julgam paralisar a história. Entre os trabalhadores, na infra-estrutura da Sociedade Civil, as ações lentas se reconfiguram como protesto mudo e raiva contida. A história recomeça com a impressão de tempo perdido e derrota engolida a seco. A impressão se desfaz, todavia, ao primeiro confronto que poderá acontecer, pois as camadas oprimidas aprendem com seus erros, conscientizam-se como gostava de dizer Paulo Freire e retomam a luta noutro patamar. Só assim, a história se abre de novo para o futuro.

*[Professor do Depto. de História da USP]

MOMENTOS DE TENSÃO



- Sr. depoente, esta CPI quer saber o seguinte: o sr. montou esquemas, movimentou milhões, exerceu tráfico de influência, financiou campanhas, repassou para partidos aliados. Por que nunca me chamou, pôxa?

O PT e Lula na hora da verdade

Hamilton Octavio de Souza*

Os depoimentos nos vários inquéritos e o material divulgado pela imprensa, mesmo com a exclusão das distorções e do sensacionalismo, fornecem provas suficientes para que se possa deduzir que dirigentes do PT e do governo Lula participaram ativamente, de forma articulada, deliberada e consciente, de um esquema de captação de recursos financeiros ilegais – junto a empresas privadas e estatais – não apenas para o financiamento de campanhas eleitorais, mas para a compra de parlamentares e também para benefício pessoal de dirigentes partidários e de lideranças políticas.

Está claro que a agência de publicidade de Marcos Valério, de Belo Horizonte, foi uma das operadoras desse esquema, certamente não a única; e que, além disso, existem muitas evidências de que dirigentes do PT e membros do governo utilizaram suas relações e seus cargos para fazer tráfico de influência em licitações públicas, favorecimento de empresários na distribuição de serviços do Estado, em troca de contribuições financeiras usadas para corromper, facilitar a ação do governo no Congresso Nacional e aumentar ainda mais o poder de um grupo específico de dirigentes do PT.

A revelação dessa operação toda, nos últimos dois meses, deixou a população brasileira perplexa, principalmente porque a trajetória do PT foi marcada por forte diferenciação dos partidos tradicionais de origem burguesa acostumados aos esquemas de corrupção; o PT nasceu no campo popular e da esquerda, foi constituído basicamente por trabalhadores formados politicamente nas lutas contra o patronato e no confronto com o sistema capitalista; defendeu as

bandeiras das maiorias; e carregou, durante muito tempo, a vontade revolucionária e transformadora.

A exposição pública dessa operação imoral e ilícita deixou a militância de base do PT atônita, principalmente porque criou uma situação muito difícil de consciência e de postura para cada um: aceitar passiva e defensivamente a versão pouco convincente dos envolvidos, permanecer conivente ou cúmplice de uma ação criminosa inaceitável dos pontos de vista político e ético, ou exigir que a cúpula partidária e o governo Lula esclareçam tudo, digam a verdade, admitam os seus erros, submetam-se aos julgamentos do povo e do Judiciário e paguem pelo que fizeram ao partido, aos eleitores e ao país.

Os fatos estão provados e são incontestáveis: dirigentes do PT, entre eles Silvio Pereira e Delúbio Soares, que sempre responderam diretamente a José Dirceu, organizaram um grande esquema de corrupção, desviaram dinheiro público – do povo, portanto – para

um projeto pessoal de poder, que não é compartilhado pela maioria dos filiados e militantes do PT. Não resta dúvida, também, que o presidente Lula e provavelmente alguns de seus assessores mais diretos, tinham total conhecimento dessa operação criminosa – não apenas contra os interesses da Nação, mas, em especial, contrária aos princípios e valores que nortearam por muito tempo a vida do PT e das esquerdas.

A farsa televisiva montada por



Lula cada vez mais só em sua apatia governista

Marcos Valério, Delúbio Soares e o próprio presidente Lula, via “entrevistas exclusivas” na Rede Globo, coloca todos eles como membros solidários da mesma quadrilha; os *habeas corpus* no STF e os depoimentos cínicos orientados por advogados, de Marcos Valério,

Desviaram dinheiro público para um projeto pessoal de poder, que não é compartilhado pela maioria dos filiados e militantes do PT

Silvio Pereira e Delúbio Soares, são verdadeiras confissões de culpa; as manobras do Palácio do Planalto e de dirigentes da

Articulação-Campo Majoritário para dificultar as investigações, representam graves agressões ao povo brasileiro e à inteligência das pessoas.

O resgate da dignidade da base petista passa pela destituição de todos os envolvidos no esquema de corrupção; passa pela renúncia ou o *impeachment* do presidente Lula; passa pela re-fundação do partido e de sua reconciliação com o povo; se não tiver força moral e política para isso, definhará com a podridão

que vem de cima para baixo – sem solução; não há glória em luta que não reverte para o povo; a base petista e as esquerdas em geral precisam de coragem para enfrentar a situação; não faz o menor sentido que paguem pelos erros de alguns e se tornem reféns da oposição conservadora de direita

O que precisa ficar claro para todos é que algumas lideranças e dirigentes do PT erraram feio na sua concepção de partido, de ação política e de governo. Meteram os pés pelas mãos. Estão encrencados de verdade. Não querem admitir e continuam mentindo para todos. Agravam a própria situação do PT e do governo Lula. As versões mentirosas estão sendo desmontadas. O governo Lula perdeu a capacidade de iniciativa. O presidente só tem a escolher se vai renunciar ou provocar um desgastante processo de deposição.

É preciso grandeza para reconhecer os erros. É preciso dignidade para enfrentar a verdade.

*[jornalista e professor da PUC-SP]

Ditaduras na América Latina: o caso do Uruguai

Antônio Bezerra Nunes*

As ditaduras militares na América Latina nos tempos da guerra fria contaram com determinados elementos característicos. Foram inspiradas em um conjunto de postulações comuns, o qual se convencionou designar, como Doutrina da Segurança Nacional. Assim, as Forças Armadas, convertidas em atores preponderantes em tal processo, desenvolveram um discurso político-econômico, seja em seu interior, seja no conjunto da sociedade, que expressava uma série extensa de elementos homogêneos nos distintos países da região.

Nesse sentido, revela-se evidente que, embora tenham existido diferenças de formas e estilos na implantação da DSN, é possível estabelecer certos aspectos notoriamente identificadores no terreno ideológico, tanto no processo brasileiro, a partir de 1964, como também no Chile e Uruguai, em 1973, como, ainda, na Argentina de 1976. Tais fatores característicos constituem a base fundamental dessa ideologia, sobressaindo-se dentre eles a identificação de um inimigo não mais além das fronteiras, porém, ao contrário, agora percebido internamente. A partir dessa perspectiva, havia a necessidade ideológica de uma "guerra permanente" interna contra a influência do "comunismo internacional", transformando-se, assim, no alicerce fundamental para a implementação de um projeto de "desenvolvimento com segurança". Essa doutrina impõe os militares como "salvaguardas" dos anseios nacionais no terreno das políticas sócio-econômicas, "único corpo social" capaz de transformar "o caos" instalado pela "anarquia subversiva" em "paz duradoura". Nesse sentido, o Estado se fortalece em sua "legalidade" ilegal, detendo as normas e os meios para identificar e sentenciar qualquer organização que a ele lhe pareça ligada ao "perigo vermelho".

Dessa maneira, instaura-se o bonapartismo, ou seja, a burguesia, ao ver-se incapaz de assegurar sua

dominação em relação aos trabalhadores no terreno democrático, alia-se às Forças Armadas, colocando em prática formas de violência que se traduzem, principalmente, no terrorismo de Estado aberto como condições fundamentais para a superexploração do trabalhador e, portanto, como condição fundamental para assegurar o ser e o ir sendo capitalista.

O caso Uruguai

Inspirando-se na efetivação prática da Revolução Cubana, experiência que colocava a possibilidade real de transformação das condições miseráveis em que eram mantidos os trabalhadores, testemunhas de golpes de Estados já em processo avançado de desenvolvimento em alguns países vizinhos e buscando responder à altura a repressão social sofrida pelos movimentos sociais nos contrabados anos 60, jovens de classe média uruguaia decidem, através das armas, reagir com força máxima contra os seus exploradores. Dessa maneira, surge o MLN-T (Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros) em 1963, de caráter foquista e logo reconhecido pela audiência de suas ações. Entretanto, o incremento dos combates entre os militares e os guerrilheiros durante os anos que precederam ao golpe ocasionou muitas baixas nos quadros do MLN-T, e a CNT (Central Nacional de Trabajadores) passou a ser, naquele momento, a maior representante dos trabalhadores na oposição à ditadura instaurada em 27 de junho de 1973. A CNT surgiu em 1964, a partir da CTU (Central de Trabajadores Uruguayos), fundada em 1961. Posta na ilegalidade, ressurgiu em 1983 com a sigla PIT (Plenario Intersindical de Trabajadores). No entanto, é novamente cassada, reaparecendo em 1984, como PIT/CNT, sigla que conserva atualmente.

Naqueles momentos de acirramento da luta de classes, houve tentativa de resistência da CNT que, ao perceber a ameaça de golpe de Estado, deu um ultimato aos militares, afirmando que

caso se instaurasse a ditadura, os trabalhadores iriam parar o país através de uma greve geral. Com a efetivação do terrorismo de Estado aberto, um dia depois a central sindical cumpriu a sua promessa. Foi uma violenta repressão à classe trabalhadora durante os 15 dias em que ela permaneceu paralisada. Esse exemplo ilustra de alguma forma as decisões equivocadas que a esquerda latino-americana vem tomando ao longo da história: nos momentos mais cruciais e decisivos para a sua sobrevivência, deixa-se guiar por armas ineficazes diante dos importantes combates que se apresentam.

Destaca-se que nesse período nasce a Frente Ampla, cujo fundador foi o general Liber Seregni, preso durante toda a ditadura e morto em 2004. A Frente Ampla foi uma organização que aliou vários partidos e movimentos sociais, principalmente os partidos Socialista e Comunista. Porém, com a instauração da autocracia burguesa em junho de 1973, a Frente logo foi colocada na ilegalidade, sem condições, portanto, de exercer qualquer ação contrária aos desmandos praticados durante o período da ditadura (note-se que esta organização de esquerda chegou ao poder, pela primeira vez na história uruguaia, ano passado, com a vitória para presidente do "socialista" e maçom

Tabaré Vasquez).

Quebrando a força opositora ainda existente nos primeiros anos do golpe, a burguesia e os militares abriram um caminho no qual a resistência dos trabalhadores já não se apresentava como uma ameaça, e, assim, puderam imprimir, através de ações repressivas e de atos institucionais que lhes asseguraram a "legalidade" para a sua prática terrorista, um caminho relativamente tranqüilo para a superexploração da classe trabalhadora, cumprindo o seu papel, como burguesia dependente e subordinada ao capitalismo internacional e ao imperialismo, na extração de mais-valia, assegurando, portanto, uma saída parcial para a crise instalada e garantindo a continuidade da exploração de uma classe sobre a outra.

Assim como se deu nos outros países do cone sul, a luta pela redemocratização abriga em seu campo vários políticos que, durante o processo ditatorial, jamais se colocaram em uma esfera de combate à autocracia burguesa. É dessa forma que, em março de 1985, a "transição transada" leva à posse o colorado J. M. Sanguinetti.

* [pós-graduando em Hist. Social na PUC/SP]
merca1871@yahoo.com.br



Extrema militarização de Lima: resquício das ditaduras latino-americanas

Ciência

Software livre é embrião da nova forma histórica

Cassiano Novais*

É interessante notar nos dias de hoje um renascimento das idéias — e ações — de dois pensadores do século XIX que revolucionaram as concepções sociais de sua época.

Após a experiência pós-capitalista da ex-URSS e o fim da esperança neoliberal, os nomes daqueles que edificaram toda uma teoria prática da emancipação humana em bases científicas, Marx e Engels, começam novamente a surgir como alternativa coerente para o processo de construção do outro mundo possível.

Uma das concepções mais fundamentais da evolução histórica humana que foi revelada pelos dois construtores do socialismo científico é a de que “as relações burguesas de produção constituem a última forma antagônica do processo social de produção, antagônicas não em um sentido individual, mas de um antagonismo nascente das condições sociais de vida dos indivíduos. Contudo, as forças produtivas que se encontram em desenvolvimento no seio da sociedade burguesa criam ao mesmo tempo as condições materiais para a solução deste antagonismo. Daí que com esta formação social se encerra a pré-história da sociedade humana” [Karl Marx, prefácio de *Para a Crítica da Economia Política* (1859)].

Complementar a esta concepção, está a de que a humanidade só se propõe a resolver os problemas que de antemão já possuía as condições materiais para resolvê-los. Ou seja, as forças produtivas chegam a um ponto de desenvolvimento em que já anunciam as bases de um novo modo de produção.

Esta interpretação por parte de Marx e Engels foi válida até hoje, e de uma maneira concreta, ou seja, de fato se passou assim na história até hoje vivida pela humanidade. A última grande revolução, a francesa, demonstrou a caducidade do sistema de privilégios da Idade Média diante das possibilidades de desenvolvimento das forças produtivas que a nova classe dominante, a burguesia, expressava.

Hoje, vivemos — de acordo com o filósofo húngaro István Mészáros — a

crise estrutural do capital, que cronologicamente é identificada com a queda do último bastião de suporte ao sistema capitalista, o Estado do bem-estar social, fruto da destruição provocada pela II Guerra Mundial, que acaba quando se inicia a década de 1970.

De lá pra cá vimos ascender à categoria de principal espaço de reprodução do capital o complexo eletrônico. Dentro dele, na área de programação (*software*), presenciamos a promoção no final da década de 1980 da transnacional *Microsoft* à principal monopolizadora do mercado de sistemas operacionais, os programas que fazem a comunicação do homem com o computador.

Daí nos deparamos com outra categoria marxiana, a saber, a de que a guerra da concorrência capitalista levaria cada vez mais à total monopolização da produção por umas poucas empresas transnacionais. No caso da *Microsoft* que detinha até pouco tempo atrás a quase totalidade do mercado de sistemas operacionais para microcomputadores, o monopólio chegou muito perto de sua forma teórica clássica, o caso mesmo da empresa que detém toda a produção de uma mercadoria. Não é por acaso que o tio Bill, dono da empresa, aparece ano a ano como primeiro bilionário universal.

A produção monopolizada de sistemas operacionais para microcomputadores começa a sofrer um abalo no início dos anos 1990, quando um sueco chamado Linus Torvalds, passa a desenvolver o sistema operacional *Linux*, baseando-se no antigo sistema *Unix*, e cuja “criação não foi dirigida por necessidades de mercado, mas pelo desejo de superar impedimentos para a produção de programas” [*Linux Bible*, 2005 edition, p. 9].

Com a idéia de proporcionar um sistema de código aberto, no qual todos os usuários teriam acesso à “receita” de como ele funciona, Torvalds deu o pontapé inicial num projeto em que o passar dos anos

veio agregar milhares de programadores do mundo inteiro na filosofia dos *softwares* livres, programas disponíveis para serem copiados e melhorados à vontade sem a pecha de pirataria, problemas com patentes, etc., categorias que estão atreladas à produção da forma limitada da mercadoria.

Hoje o *Linux* começa a ameaçar o império da *Microsoft*, com as distribuições *Linux* alcançando ano a ano uma parcela cada vez maior de mercado, e colocando em evidência uma forma de produção em que tanto esta é socializada (o que a burguesia já tinha alcançado em seu sistema, e que representou avanço fundamental diante do feudalismo), quanto o próprio consumo, o que as bases produtivas privadas burguesas impedem que se consiga.

A comunidade virtual do *software* livre representa a forma de produção digital que anuncia a superação da forma limitada da mercadoria.

A forma limitada de produção de mercadorias, com a obrigatória limitação do número de trabalhadores isolados em firmas fechadas, dá lugar à forma livre da produção que supera a forma do capital. A produção havia sido socializada, mas a apropriação da riqueza era privada. Na nova forma histórica, a limitação da apropriação privada da lugar às infinitas possibilidades da produção/apropriação social.

O *software* livre representa o embrião dessa nova forma histórica, embrião no sentido de que é específico à área mais avançada da produção social, que corresponde ao complexo eletrônico, e também porque, como está escrito no século XIX, começa a se desenvolver uma forma de produção que anuncia a superação da forma mercadoria.

*[da Redação]

1-Os programas que rodam nos computadores: *Windows*, *Linux*, *Word*, etc.

Literatura

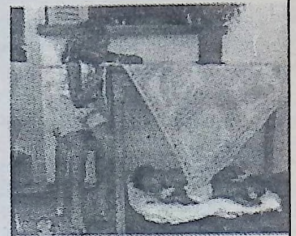
BOITEMPO
EDITORIAL

Novos lançamentos

“A educação para além do capital”

de István Mészáros

O filósofo húngaro reflete nas páginas deste livro sobre algumas questões essenciais: Qual o papel da educação na construção de um outro mundo possível? Como construir uma educação cuja principal referência seja o ser humano? Como se constitui uma educação que realize as transformações políticas, econômicas, culturais e sociais necessárias?



“O caracol e sua concha”

de Ricardo Antunes



Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, mais de um bilhão de homens e mulheres — quase um terço da força mundial de trabalho — hoje estão em ocupações parciais, precárias,

temporárias, ou vivem o desemprego estrutural neste mundo de “mercados”, inclusive de seres humanos.

Em *O caracol e sua concha*, Ricardo Antunes analisa a questão do trabalho no capitalismo contemporâneo. Distante das teorias que tentam desconstruir ou relativizar sua importância na sociedade, o autor mostra que se as transformações tecnológicas influem nas formas de exploração e acumulação do capital, elas não retiram do trabalho seu papel central, seja para a sustentação do capitalismo seja para a sua superação. Por isso, torna-se essencial a compreensão das transformações ocorridas nesse universo.

O livro aborda o presente e o futuro das relações capital-trabalho, desde a suposta tese do “fim das classes sociais”, à crescente exploração rentista na era da “qualidade total”, até seu contraponto, o desemprego estrutural que atinge porcentagens cada vez maiores da população, inclusive nos países mais ricos do sistema.

www.boitempo.com

Assassinato de Victor Jara

Um homem que com seu cantar, plasmou a história de um país mutilado

Waldo Liao



Recordando o cantor folclórico chileno Victor Jara, este é o último poema que ele escreveu horas antes de sua morte no Estádio do Chile. Suas palavras de angústia e dor são o reflexo da esperança frente ao golpe militar que assaltou, na manhã de 11 de setembro de 1973, o processo democrático do partido União Popular, encabeçado por Salvador Allende.

Filho de camponeses, Victor passou sua infância e sua adolescência na periferia da capital de Santiago. Iniciou-se nas artes cênicas e mais tarde começaria sua carreira como cantor popular. Compositor de protesto e líder do gênero musical "Nueva canción" no que também participaram grupos como *Inti-Illimani* e *Quilapayún*, sempre esteve comprometido com as questões sociais e políticas de seu país e da América latina. Percorreu o Chile e o mundo com suas canções.

A traição militar foi encabeçada pelo general militar Augusto Pinochet, que derrubaria o governo de Allende, bombardeando a Casa da Moeda. Segundo as cifras, quinze mil foram os mortos e milhares os desaparecidos.

Victor Jara, como muitos outros foi preso na Universidad Técnica e torturado no Estádio do Chile. Dias mais tarde seu corpo foi encontrado no bairro proletário de San Miguel e no dia 16 de setembro foi identificado no necrotério.

SOMOS CINCO MIL

"Somos cinco mil
nesta pequena parte da cidade.
Somos cinco mil,
quantos seremos no total,
nas cidades e em todo o país?
Só aqui dez mil mãos que semeiam
e fazem andar as fábricas.
Quanta humanidade,
com fome, frio, pânico, dor
pressão moral, terror e loucura!
Seis de nós se perderam
no espaço das estrelas.
Um morto, um espancado como jamais
imaginei
que se pudesse espancar um ser humano.
Os outros quatro quiseram livrar-se de
todos os temores
um saltando no vazio,
outro batendo a cabeça contra a parede,
mas todos com o olhar fixo da morte.
Que espanto causa o rosto do fascismo!
Colocam em prática seus planos com
precisão esperta,
sem que nada lhes importe.
O sangue, para eles, são medalhas.
A matança é ato de heroísmo.
É este o mundo que criaste, meu Deus?
Para isso teus sete dias de assombro e
trabalho?
Nestas quatro muralhas só existe um
número que não cresce
e que lentamente querará mais morte.
Mas prontamente me golpeia a
consciência
e vejo esta maré sem pulsar,
mas com o pulsar das máquinas
e os militares mostrando seu rosto de
peleira, cheio de doçura.

E o México, Cuba e o mundo?
Que gremem esta ignomínia!
Somos dez mil mãos a menos
que não produzem.
Quantos somos em toda a pátria?
O sangue do companheiro Presidente
golpeia mais forte que bombas e
metralhas.
Assim golpeará nosso punho
novamente.
Como me sai mal o canto
quando tenho que cantar o espanto!
Espanto como o que vivo
como o que morro, espanto.
De ver-me entre tantos e tantos
momentos do infinito
em que o silêncio e o grito
são as metas deste canto.
O que vejo nunca vi,
O que tenho sentido e o que sinto
Fará brotar o momento..."

Victor Jara (*Estádio do Chile, 1973*)



Parcerias

MST no CRUSP

Está em andamento um acordo que criará o primeiro Centro Informativo do MST na USP, fruto da cooperação entre este movimento social, a Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da USP (sociedade civil de ex-alunos), a Associação de Moradores do Conjunto Residencial da USP e o jornal **A Palavra Latina** (publicação da Sociedade Latina de Imprensa). Para informações, ligue: 3091-2307.



C.A. da FEA e a imprensa popular

O Centro Acadêmico Visconde de Cairu fechou parceria com **A Palavra Latina** com o intuito de apoiar a sobrevivência da edição impressa deste periódico. Outros centros estudantis, sindicatos populares e movimentos sociais também foram convocados a prestar sua solidariedade nesta cruzada pela imprensa democrática e independente.

telesur

Uma televisão pela integração latino-americana

Contra o imperialismo cultural



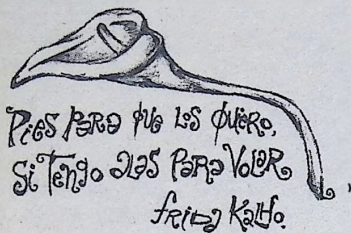
Chávez e Fidel impulsionam democracia na comunicação

Com o lema "Nosso norte é o sul", no dia 24 de Julho iniciou-se a transmissão das primeiras imagens do novo canal independente Tele-sul (*Tele-sur*), o qual pretende criar uma nova fase de comunicação e interação internacional, que rompa com os grandes monopólios oligárquicos da informação.

Esta nova emissora de televisão é uma iniciativa promovida e impulsionada pelo governo bolivariano de Hugo Chavez, que teve contribuições estatais por parte de Cuba, Argentina e Uruguai. Começou a transmitir em cinco países Vezuela, Brasil, Cuba, Uruguai e Argentina, mas em breve ampliará sua cobertura a outros países da América Latina chegando até o México, leste da Europa e norte da África.

Entre os membros que integram o conselho assessor se encontram o escritor uruguaio Eduardo Galeano, o colombiano Gabriel García Márquez, o poeta nicaraguense Ernesto Cardenal, o diretor do *Le Mond Diplomatique* Ignacio Ramonet, o cineasta argentino Fernando Solanas e o intelectual britânico de origem paquistanesa Tariq Ali, entre outros.

Poucas Palavras



Tristes Trópicos

Itamar Assumpção

O trópico tropica
Emaranhado no trambique

A treta frutifica
E tritura todo o pique

A trapaça trina e troa
E extrapola cada dique

O tratado é intrincado
Destratá-lo é truque chique

O grito atravancado
Tranca até que petrifique

Tristes gregos e troianos
Desbravado piquenique.



Maiakóvski

Parecia-nos
que à baía do comunismo
só
as ondas do acaso
nos levariam
rodopiando.

Marx
desvendou
as leis da história
pôs o proletariado
ao leme.

Os livros de Marx
não são meras provas
de composição,
não são secas
colunas de números.

Marx
pôs o operário
de pé
e conduziu-o
em colunas
mais harmoniosas
que números.

Viceversa

Tengo miedo de verte
necesidad de verte
esperanza de verte
desazones de verte
tengo ganas de hallarte
preocupación de hallarte
certidumbre de hallarte
pobres dudas de hallarte
tengo urgencia de oírte
alegría de oírte
buena suerte de oírte
y temores de oírte
o sea
resumiendo
estoy jodido
y radiante
quizá más lo primero
que lo segundo
y también
viceversa.

Mario Benedetti

(escritor uruguayo)

No mármore da tua bunda

No mármore de tua bunda gravei
meu epitáfio.

Agora que nos separamos,
minha morte já não me
[pertence.

Tu a levaste contigo.

Carlos Drummond de Andrade

Cada poema es único. En cada
obra late, con mayor o menor
grado, toda la poesía. Cada
lector busca algo en el poema.
Y no es insólito que lo
encuentre: ya lo llevaba dentro.

Octavio Paz

(escritor mexicano)



Cuidado: frágil

me trate como eu mereço
me farte sem que eu peça
me afague para que eu cresça
me guarde louça
pra que eu não quebre.

Lúcia Santos

(poetiza maranhense)





Foto: Alécio César

O cigarro faz mal à saúde

Xico da Silva*

O cigarro faz mal à saúde, prega o letreiro do ônibus da frente. Insistente dizer, meia hora estático diante de nosso caminho abafado. Bem como os mais de cem quilômetros de modernos automóveis particulares de quatro lugares levando em média uma pessoa e meia e se movendo a até 6km/h. O cigarro faz mal à saúde. E o trânsito que nos subtrai a vida? Faz mal à saúde? E o caminhão ao lado, que engata uma primeira? Fuligem negra, não faz mal à saúde? E o desconto do atraso, a pentelhação do chefe, a existência do chefe, isso não faz mal à saúde? O calor insuportável das vidas perdidas dentro da fábrica, o ar-condicionado do escritório que seca a garganta que já não grita, a comida enlatada, a soja transgênica, o amor malfeito e depressa, a juventude alienada, a imprensa conservadora, a conta de telefone? A conta de telefone, meu deus, não faz mal à saúde!!?

E depois vem um pastor gringo falar que a cocaína é o grande mal da modernidade, que é ela que justifica a guerra dos donos do mundo contra a humanidade nas selvas da América, assim como a democracia (e não o petróleo) justifica o extermínio de iraquês, bósnias e afeganiões milenares. A democracia... Democracia? Mas é a cocaína que faz mal à saúde. Ela constrói haitis. A cocaína? E a coca-cola? É bom pra jogar no rilo, como a democracia empresarial.

Faz mal à saúde. E a covardia do Lula chega a dar enxaqueca.

Agora o que é certo mesmo, é que ter que escutar ACM, PSDB e PPS falando em nome da ética faz muito mal à saúde. É terrível para o estômago. Os mesmos tais do desastre das privatizações na base da compra de votos, que desviaram só com a venda de uma mineradora, o que o Delúbio tardaria décadas. Devia estar na legenda de todo telejornal: PSDB faz mal à saúde.

E a cara de coitado do Dirceu, o cavanhaque impecável do Genofino? E as mutretas do Alckmista e sua filha Daslu? E a favela detrás da Daslu? Não faz mal à saúde?

Afinal, nesta vida cega de princípios e manca de ideologias, meu deus, que é que faz bem à saúde? Soube que até oxigênio mata – por causa dele envelhecemos... Apesar de que nestas terras tupiniquins, a maior causa de envelhecimento antes dos trinta ainda é a cara de pau do Fernando Henrique propondo a blindagem do Barba se ele prometer fazer a lição de casa e não se recandidatar na próxima farsa, em 2006... Azia na certa.

E depois é o cigarro que faz mal à saúde. O cigarro. O cigarro? É mesmo? E cadê o meu fininho digestivo pra me ajudar a engolir esta merda toda?

*[da sucursal de Campinas]

Não é só garoa...

Reflexão crítica acerca da cultura paulista

Leandro "PC" Freire*

Quando pensamos a cultura brasileira fica impossível ocultar as diferenças regionais características dos diversos Estados. O Estado de São Paulo, por exemplo, possui suas especificidades e também demonstra uma visão ampla e geral da cultura brasileira.

A identidade paulista está sendo composta – pois o processo é ativo – pelo mito da terra do trabalho, típico da sociedade industrial. Tal processo foi construído por uma elite que facilmente absorveu valores internacionais que sempre rechaçou manifestações populares dos agricultores do café e operários paulistanos. A essa elite cabia organizar uma cultura do trabalho e criminalizar o malandro, a vadiagem e os espaços de encontro e troca de experiências culturais vindas das camadas mais pobres. Ao mesmo tempo, e principalmente no final do século passado, temos uma grande força mercantilizadora, a qual fizeram dos donos dos meios de produção cultural os definidores do que era ou não cultura.

Não tivemos, como no Rio de Janeiro ou Bahia, uma apropriação da cultura local, o morro descendo ao asfalto ou a utilização dos bens culturais

locais para turismo. São Paulo se esconde em um frio cosmopolitismo onde todas as culturas têm espaço, menos a paulista. Essa garoa impessoal que nos embaça a visão vem da desvalorização da nossa cultura, de um cosmopolitismo sem trocas com o local (onde está a frigideira, o samba de zabumba, o porta estandarte e o jogo de tiritica?).

Cabe a todos agentes culturais impulsionarem um movimento que está sendo construído aos poucos, que possa valorizar a história não-oficial dos peões, negros e agricultores que faziam música, dançavam, recitavam versos, cozinhavam, valorizando os espaços e as personagens como as nossas velhas guardas, o bom e velho caipira de chapéu de palha e o cordão pra segurar as calças, ao contrário do chapéu de couro e cinta de couro do caubói.

A necessária resistência cultural passa pela disputa de valores através da intensa mostra dos nossos artistas, recriando a história e formando valores contra-hegemônicos. Devemos tirar do anonimato toda uma história, cujas personagens sempre foram as excluídas e marginalizadas, e que construíram a "contra-cultura" paulista, para não repetir os erros no futuro. A garoa que nos molha vem das nuvens que agitam.

* [estudante FFLCH-USP]

Assine
A Palavra Latina
apalavralatina@yahoo.com

Apoie a continuidade de nossa edição impressa

Aqui você obtém informação crítica acerca dos principais acontecimentos de nossa época, análises detalhadas e boa literatura!

www.acepusp.org.br/apalavralatina
www.nodo50.org/resumen

A Palavra Latina é um projeto aberto a todos que queiram se somar à luta por uma imprensa democrática: leia, colabore e divulgue. Escreva!

Postos de distribuição: Espaço Cultural Acepusp (R. da Consolação, 1909 - SP - tel. 3231-0692), Universidade de SP (Butantã, Pinheiros, S. Francisco e Zona Leste), PUC, Centro Cultural de S. Paulo, MASP, Rua Augusta, Praça da República, Biblioteca Mário de Andrade, sedes centrais do PT, PSOL, PSTU, PSOL, PCB, PCdoB, MST-SP, Central de Movimentos Populares e em algum lugar das ruas de São Paulo.